

# EDITORIAL

CARLA A. GONÇALVES

O nono volume do Boletim *Kairós* dedica-se, inteiramente, a uma categoria artística que, pese embora a sua relevância estética, funcional, narrativa, emocional, sensível e dialógica, tem vindo a ser menos estimada no terreno da historiografia. Fala-se aqui de escultura, essa ancestral arte das imagens que nos afronta, com o seu próprio corpo e matéria.

A escultura que nos olha, interfere no espaço das nossas vidas, mede-nos de alto a baixo, convida-nos a sair do eixo equilibrado dos dias ensimesmados, permitindo-nos a experimentar deuses e demónios, novos âmbitos de realidade e outras esferas de humanidade, excitando as emoções tão eficazmente que acaba por promover respostas radicais de amor e de ódio, expressas através da iconofilia e da iconoclastia, esta última num eixo de terror que aflige e que mata não só a imagem, mas sobretudo o que está por detrás dela e o que a animou, seja o passado, seja o próprio presente, comprometendo o futuro.

A escultura, com o seu carácter tridimensional, promove contactos numa perspectiva de intimidade, porque as imagens e os corpos falam e acompanham, porque as iconografias contam e explicam, porque os conjuntos escultóricos irmanam naturalmente com o horizonte de expectativas dos públicos, ávidos em perfilhar e em

reconhecer-se neles. A força da escultura reside, enfim, e usando as palavras de Gombrich, nessa sua capacidade de atracção pelo mundo dos vivos e nessa possibilidade de converter-se, não numa representação de outra coisa, senão nos indivíduos por direito próprio. É sob esta perspectiva que surgem as *esculturas que defendem*, as esculturas que parecem falar e chorar, e as esculturas que superam o carácter de reprodução para alcançarem o estatuto de coisa em si, na medida da sua eficaz estimulação do pensamento simbólico.

A escultura encarna, convocando à *visibilidade tangível* e multissensorial. A apetência humana pela *visibilidade tangível* faz assomar a escultura a uma territorialidade muito conveniente, gerando cenografias e outros mundos, bem como âmbitos relacionais profundos e encontros afortunados (entre a invisibilidade e a visibilidade, entre o irreal e a possibilidade de tornar-se realidade), que se permitem a trocas entre mundos que matizam a vida comum que assim se acrescenta e adensa, dispondo-se ao *jogo relacional* (com o sentido último de realização humana) que promove e amplia a experiência e dispõe para os grandes temas da existência.

É com este sentido de vida, tão preche de jogos, de relações e de contactos, e também de narrativas e de sonhos, de realidade e irreabilidade, de alegria e de choro, de paixão, de desejo e de acção, que se apresenta este volume feito de cinco artigos consagrados à escultura.

Este número do Boletim é o primeiro de dois, dedicados ao mesmo tema, e começa com o pertinente trabalho de Raquel Vilaça, centrado no caso *Animais, animais imaginados: as Figurinhas proto-históricas da Cachouça (Idanha-a-Nova, Beira Interior)* que revela, entre outros aspectos relacionados com a iconografia zoomórfica proto-histórica, a possibilidade de preencher lacunas, ou de imaginar, sem perder o olhar científico sobre o objecto. Virgílio Lopes traz-nos *A escultura romana de Mértola*, num artigo que, para além de divulgar aqueles importantes achados escultóricos, nos ensina a ver a escultura como um registo documental que permite

reconstruir espaços arquitectónicos já desaparecidos. Paulo Almeida Fernandes brinda-nos com a *Criatividade na norma: a escultura românica “marginal” como veículo de moralização*, demonstrando como o mundano e o profano têm lugar, nas igrejas medievais portuguesas, num campo presente e finito que assim se confronta com o sagrado. O assunto *Retábulos pétreos medievais: encenação do sagrado*, foi tratado por Francisco Pato Macedo, numa relevante viagem focada no poder das imagens desde a Antiguidade, para terminar no ainda tão mal conhecido retábulo de S. Jorge a combater o dragão da Capela da Piedade de Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova), que reclama análise e revalorização.





No final deste primeiro volume do Boletim temático dedicado à escultura, publica-se um artigo de divulgação de ciência e que difunde o recente projecto de investigação, que decorre, titulado *Património escultórico do Paço das Escolas da Universidade de Coimbra*, encabeçado por Sandra Costa Saldanha, em conjunto com Diogo Lemos, Inês Pina e Mariana Gaspar, comprovando-se, assim, que o CEAACP investiga no âmbito desta categoria artística que Cesare Ripa definiu, em 1613, como uma *Formosa jovem*.